



INFINITUM
ISSN: 2595-9549

Vol. 8, n. 17, 2025, 1 - 20

DOI: <https://doi.org/10.18764/2595-9549v8n17e26436>

A Transformação de Magdá: do Luto à Histeria em *O Homem* (1887), de Aluísio Azevedo

Luíla Silva Lima Farias

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: luilauema@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8419-9380>

Resumo: *O Homem*, obra escrita por Aluísio Azevedo por volta de 1887, retrata a vida de uma personagem feminina, Madalena ou Magdá, que vive em luto por amores não vividos, levando seu funcionamento psíquico à histeria, temas que serão abordados no presente artigo com o objetivo de analisar o luto como um sentimento e um comportamento capaz de influenciar ou produzir a histeria na protagonista. Para tanto, realizou-se uma pesquisa documental, de cunho qualitativo, acerca do autor, do contexto da obra, do movimento literário pertencente à obra e dos temas luto e histeria, o trabalho se pautou, também, no auxílio de ferramentas computacionais, como o Portal Maranhão¹, designado um servidor que disponibiliza obras maranhenses para pesquisa em um banco de dados de historiografia literária maranhense; e a Linguateca², um site que contém ferramentas digitais, a exemplo o recurso AC/DC (acesso a corpos, disponibilização de corpos, da Universidade de Oslo), auxiliando na leitura da obra e na coleta de dados, respectivamente. Como base para defender as ideias apresentadas serve-se dos pensamentos de Cancilier (1976), Freud (1915), Lima (2022), Mérian (1988), entre outros. Por fim, conclui-se que o luto vivenciado pela filha do Conselheiro, em virtude da morte de seu irmão Fernando e a não realização conjugal com Luís, ocasiona e impulsiona as crises históricas.

Palavras-chave: Literatura. Luto. Histeria. Aluísio Azevedo.

Magdá's transformation: from mourning to hysteria in Aluísio Azevedo's *O Homem* (1887)

¹ Link de acesso ao site: <https://literaturamaranhense.ufsc.br/>

² Link de acesso ao site: <https://www.linguateca.pt/>



Abstract: *O Homem*, a work written by Aluísio Azevedo around 1887, portrays the life of a female character, Madalena or Magdá, who mourns for un-lived loves, leading her psychic functioning to hysteria, themes that will be addressed in this article with the aim of analyzing mourning as a feeling and behavior capable of influencing or producing hysteria in the protagonist. For this purpose, qualitative documentary research was carried out on the author, the context of the work, the literary movement belonging to the work and the themes of mourning and hysteria. The work was also based on the help of computer tools, such as Portal Maranhão, a server that makes Maranhão's works available for research in a database of Maranhão's literary historiography; and Linguateca, a website that contains digital tools, such as the AC/DC resource (access to bodies, making bodies available, from the University of Oslo), helping with reading the work and collecting data, respectively. The ideas presented are based on the thoughts of Cancilier (1976), Freud (1915), Lima (2022), Mérian (1988), among others. Finally, it is concluded that the mourning experienced by the Councilor's daughter, due to the death of her brother Fernando and the failure to marry Luís, causes and drives the hysterical crises.

Keywords: Literature. Grief. Hysteria. Aluísio Azevedo.

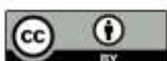
LA TRANSFORMACIÓN DE MAGDÁ: del luto a la histeria en *O Homem* (1887) de Aluísio Azevedo

Resumen: *O Homem*, obra escrita por Aluísio Azevedo alrededor de 1887, retrata la vida de un personaje femenino, Madalena o Magdá, que llora por amores no vividos, llevando su funcionamiento psíquico a la histeria, temas que serán abordados en este artículo con el objetivo de analizar el luto como sentimiento y comportamiento capaz de influir o producir histeria en la protagonista. Para ello, se realizó una investigación documental cualitativa sobre la autora, el contexto de la obra, el movimiento literario perteneciente a la obra y los temas del duelo y la histeria. El trabajo también se basó en la ayuda de herramientas informáticas, como Portal Maranhão, un servidor que pone a disposición las obras de Maranhão para su investigación en una base de datos de la historiografía literaria de Maranhão; y Linguateca, un sitio web que contiene herramientas digitales, como el recurso AC/DC (access to base de datos, making base de datos available, de la Universidad de Oslo), que ayudan a la lectura de la obra y a la recopilación de datos, respectivamente. Las ideas presentadas se basan en el pensamiento de Cancilier (1976), Freud (1915), Lima (2022), Mérian (1988), entre otros. Finalmente, se concluye que el luto vivido por la hija del Concejal, debido a la muerte de su hermano Fernando y al fracaso de la boda con Luís, provoca e impulsa las crisis histéricas.

Palabras clave: Literatura. Duelo. Histeria. Aluísio Azevedo.

INTRODUÇÃO

O pensamento desenvolvido neste capítulo tem sua base firmada em um recorte da monografia da autora, que aborda as personagens femininas das obras *O*



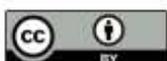
Mulato (1881), *O Homem* (1887) e *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, tomando como referência o estudo sobre personagem de Antonio Candido (2014) e Beth Brait (2017). A respeito da relação entre os termos Luto e Histeria, considerou-se, inicialmente, a leitura da obra, juntamente com as discussões realizadas em uma disciplina de Literatura e Psicanálise, disponibilizada pelo Programa de Pós-graduação em Letras, na Universidade Estadual do Maranhão, ministrada pelos professores doutores Josenildo Campos Brussio e José Ailson Lemos de Souza.

A obra em análise, intitulada *O Homem*, de Aluísio Azevedo, foi publicada em 1881. O escritor maranhense cria uma narrativa em torno da família Marques, especialmente sobre a filha do Conselheiro Pinto Marques, uma jovem que perdeu a mãe muito cedo. Apesar de conhecer a dor da perda desde seu nascimento, foi somente anos depois, com a ausência de Fernando, que o coração da jovem menina vivenciou o Luto.

Assim como a obra, o nosso estudo girará em torno de Madalena. Ao longo da narrativa, é apresentado ao leitor a transformação de Magdá: de enlutada para histérica. Portanto, as páginas seguintes serão utilizadas para apresentar e analisar essa transição, mas antes será necessário apresentar a base dessa análise.

Para fundamentar as ideias defendidas sobre o Luto e Histeria, o suporte teórico utilizado foi: Freud e seu texto – “*Luto e Melancolia*” –, de 1915; Melanie Klein e seu trabalho – “*O Luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*” –, de 1940; Cancilier e seu estudo – “*Aspectos psicológicos da personagem Magdá na obra O Homem de Aluísio Azevedo*” –, publicado em 1976; e Josef Breuer e seu trabalho – “*Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*” –, de 1977; Freud e Breuer e sua obra – “*Estudos sobre a Histeria*” –, de 2016; Iovani Belintani e seu texto – “*Histeria*” –, de 2003; e Elisabeth Kübler-Ross, e seu livro – “*Sobre a morte e o morrer*”, de 2008.

Como fonte de estudos sobre a estética Naturalista, Aluísio Azevedo e a obra *O Homem*, o referencial usado foi: Nelson Werneck Sodré – “*O naturalismo no*



Brasil” –, de 1965; Afrânio Coutinho – “*A Literatura no Brasil*” –, de 1970; Jean-Yves Mérian – “*Aluísio Azevedo, vida e obra (1857-1913)*” –, de 1988; Natalia Lobor Cancelier – “*Aspectos psicológicos da personagem Magdá na obra O Homem de Aluísio Azevedo*” –, de 1976; dentre outros estudos.

A presente discussão, como já mencionado, concentra-se em dois conceitos importantes: Luto e Histeria. Para a compreensão do termo Luto, neste estudo, explora-se os pensamentos por uma ótica psicanalítica dos estudos de Sigmund Freud e de Melanie Klein. Dessa maneira, destaca-se que Luto é conceituado como uma perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor.

A respeito da Histeria, pode-se afirmar que vem sendo estudada desde a Grécia Antiga. O médico renomado Hipócrates acreditava que a Histeria seria uma doença orgânica uterina, desde então, a Histeria passou por uma série de taxações, como doença demoníaca, bruxaria, calor interno e neurose. Breuer escreveu juntamente com Freud parte da primeira edição de *Estudos sobre a histeria* (2016), obra fundamental da psicanálise. Para os estudiosos mencionados anteriormente, a histeria seria a dissociação da consciência desencadeada por um trauma.

Atualmente, segundo Giovani Belintani (2003), a Histeria é citada no Manual de Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10, na categoria

dos transtornos neuróticos, relacionados ao estresse e somatoformes, mais especificamente na subcategoria transtornos dissociativos (ou conversivos). Esse transtorno é caracterizado por uma perda parcial ou completa da integração normal entre as memórias do passado, consciência de identidade e sensações imediata, e controle dos movimentos corporais. (Belintani, 2003, p. 62).

A categorização da Histeria, como um transtorno neurótico, ativa ainda mais a percepção de Histeria trabalhada neste trabalho, ou seja, a compreensão de

Histeria como um modo de funcionamento psíquico, caracterizado por perdas de consciência.

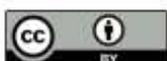
Além desse levantamento bibliográfico e conceitual sobre Luto e Histeria, o estudo conta, também, com o auxílio de duas ferramentas computacionais que colaboram no desenvolvimento da pesquisa, são elas: Linguateca e Portal Maranhão. Por um lado, a Linguateca forneceu dados visuais e quantitativos acerca da obra, como relações de personagens e tempo de discurso. Por outro, o Portal Maranhão, um site que auxilia pesquisadores de obras maranhenses, facilitou o acesso à essas obras.

Por fim, para enriquecimento da análise da obra, compreende-se a importância de um levantamento de dados, ou seja, uma pesquisa documental, de cunho qualitativo, acerca da estética naturalista e do escritor Aluísio Azevedo, que será detalhado no próximo tópico.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA NATURALISTA DE ALUÍSIO AZEVEDO

Sobre o Naturalismo Literário, Afrânio Coutinho (1986) afirma que a arte manuseia métodos, experimentos e observações científicas para abordar fatos e personagens nas obras desse movimento que floresce juntamente com o Realismo e o Parnasianismo, durante a segunda metade do século XIX.

Podemos destacar que a literatura Realista possui o compromisso com a verossimilhança, ou seja, um retrato da realidade. Os escritores teciam em suas narrativas críticas às contradições da sociedade vigente, especialmente as controvérsias morais da burguesia. Sobre a literatura Parnasianista, pode-se afirmar que, assim como o Realismo e o Naturalismo, opunha-se aos ideais do Romantismo, porém era um estilo caracterizado pela retomada das temáticas da Antiguidade Clássica. E, por fim, sobre o Naturalismo, corrente à qual este estudo se debruça, é



caracterizado como uma corrente artística literária, propensa à criação de romances baseados na estética da verossimilhança. De acordo com Sodré (1965, p. 214):

Com o advento do Naturalismo e com a preocupação que a escola revelou em desnudar aquilo que velhas crenças e costumes, prejuízos e preconceitos ancorados no tempo, tinham tido o cuidado de conservar escondido, o problema da imoralidade literária assumiu importância singular.

Nessa perspectiva, reitera-se, de acordo com Alfredo Bosi (2015), que o Realismo tingir-se-á de Naturalismo sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das "leis naturais", pois para a arte literária, o Naturalismo possui um caráter científico, com uma visão mais determinista e mecanicista da vida, e “poderia assumir uma posição de combate: contra os padres, contra o preconceito de cor, contra o puritanismo da sociedade imperial” (Coutinho, 1986, p.73).

No implante do Naturalismo no Brasil, muitos problemas acentuados desde a geração romântica ainda permaneciam sem soluções, a exemplo, a escravidão. Segundo Coutinho (1986), os representantes naturalistas apontavam os holofotes para a tríade: luta contra igreja, reação ao preconceito de cor (atualmente denominado racismo) e questão sexual, mas outros problemas poderiam ter sido igualmente lembrados, como a exploração do homem pelo homem e a questão latifundiária.

O marco desse advento no Brasil ocorreu em 1881, com a publicação de *O Mulato*, de Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, precursor dessa corrente no Brasil, em São Luís, Maranhão. Apesar de marcar o início do naturalismo, Azevedo iniciou sua carreira literária com características românticas. Alguns de seus escritos, como *A Mortalha de Alzira*, *Girândolas de Amores* e *A Condessa Vésper*, eram considerados uma produção sem importância por alguns críticos, como Afrânio Coutinho. Tais romances foram base para que a pena do escritor alcançasse um traço violento e cru.

Aluísio Azevedo tem um acervo com onze romances, sendo boa parte classificada como híbrida. Antes de se tornar o precursor do Naturalismo, cativar os

críticos e consolidar o seu lugar no cânone nacional, a sua pena seguia uma estética romântica, sendo que, para alguns críticos³, possuía a função de conquistar e divertir o leitor, alcançando um grande número de vendas e reconhecimento.

Sobre a escrita naturalista de Azevedo, Mérian (1988) afirma que foi inspirada em Émile Zola ao trabalhar com os fatos sociais e desenvolvimento humano, e em Eça de Queiroz ao usar a descrição minuciosa dos ambientes urbanos e de suas personagens. Assim, os romances naturalistas azevedianos sofreram, também, influências de ideologias deterministas, que baseavam-se no meio, raça e momento histórico para assimilar o ser humano e sua história.

Ainda que Coutinho (1986, p. 78) assinala que o escritor maranhense procurou fazer uma “obra séria e trabalhada, à altura de seu renome e de sua vocação” e ainda que falhou sensivelmente em *O Homem*, pois, segundo ele, a obra foi em linha ortodoxa às diretrizes técnicas do Naturalismo, acredita-se que a ideologia determinista é perceptível em *O Homem*, uma vez que as personagens sofrem influência do meio, da raça e do período histórico.

Como exemplo dos traços da corrente determinista presentes na obra, cita-se a personagem Pinto Marques, pai de Madalena, um senhor da alta sociedade carioca do século XIX, moldado pelos valores cristãos e burgueses da época. Além do mais, a personagem foi influenciada pelo meio burguês carioca, em virtude de manter-se o renome e honra com o casamento da filha, pois de acordo com o período histórico vivenciado, a jovem precisaria de um homem pra livrar-se da histeria, e a única forma dela possuir um homem seria pelo casamento.

Ainda é possível citar a própria Madalena como uma personagem que dinamiza os aspectos naturalistas na narrativa, dado que, a saber, existem dois espaços na trama, isto é, dois meios e, conseqüentemente, duas Madalenas. No primeiro espaço, denominado aqui como espaço real, a Madalena vive em um mundo fechado

³ Afrânio Coutinho (1986); José Veríssimo (1915).

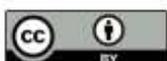
no sobrado do Conselheiro, seu pai. Esse meio (família tradicional) influencia a filha de Pinto Marques, determinando as suas relações, ações e emoções. Nesse universo, a jovem é uma donzela resguardada que escolhe o casamento pela pressão do meio em que vive.

Essa mesma trama acontece no segundo espaço, ou espaço simbólico, considerado o meio alegre da pedreira e do cortiço, onde trabalham e vivem os operários, e que influencia Magdá a ser uma jovem mais livre e mais despudorada. Embora seja um espaço resultante da psicose de Madalena, ressalta-se, ainda, que a sua existência se dá neste espaço a partir de uma visão sociológica da sociedade carioca.

O escritor maranhense também sofreu influência da corrente positivista, compreendendo o ser humano como objeto de estudo científico. Inegavelmente, *O Homem* é um estudo sobre a Histeria e suas influências no comportamento das mulheres. Naquela época, um dos principais fatores que acarretavam a Histeria era uma disfunção uterina, atribuindo o surgimento da doença pela ausência de vida sexual. A ausência de um “homem” é a raiz do problema, como diz Mérian (1988, p. 542), na sua tese, “o drama é construído sobre a impossível união de dois seres.”

Essa “impossível união” é desencadeada pelos laços de irmandade entre Magdá e seu amado inicial, Fernando, e ganha profundidade, em seguida, a partir da morte do próprio. Dentro dessa visão, acredita-se que o Luto da personagem principal colaborou para a evolução da Histeria. Esses termos serão abordados na análise da personagem no próximo tópico deste estudo. Salienta-se que não é o objetivo desta pesquisa diagnosticar, mas sim compreender como o Luto e a Histeria dinamizam aspectos da protagonista no decorrer da narrativa naturalista.

MAGDÁ: DO LUTO À HISTERIA



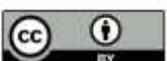
A morte e o Luto são processos inerentes ao ser humano, em algum momento na vida acontecerá. A abordagem desses temas no universo literário vai se moldando ao contexto cultural, social e histórico, sendo abordado desde a Grécia Antiga.

Nas tragédias gregas, a morte seria uma consequência para quem desafiava os deuses. A exemplo, temos o mito de Sísifo que aborda uma punição dada pelos deuses a Sísifo por querer escapar da morte, tramando assim contra os deuses, como castigo ele rolava uma pedra subindo uma montanha diariamente, por toda a eternidade.

Em *Antígona*, como uma forma de lidar com a morte e seus sentimentos, amenizando a dor da perda, a partir do momento que alguém morria, era necessário fazer o sepultamento, pois acreditava-se ser essencial para se ter paz em um plano superior, caso o contrário, a alma ficaria vagando. Como uma forma de buscar consolo pela morte do irmão e sossego para alma dele, ela correu riscos para enterrar Polinice.

Já no século XIX, durante o romantismo, a morte e o Luto ganharam um aspecto melancólico e introspectivo, deixando padecer aqueles que perdiam seus amados. O Luto assume, aqui, um papel contrário ao defendido por Freud, uma vez que o psicanalista acreditava ser uma condição natural, podendo ser vencida com o tempo. Em muitos romances, em virtude da perda de um amor, o Luto torna-se uma doença vencida pelo tempo, como, a exemplo, no romance *Inocência*, de Visconde de Taunay, uma trama que, assim como a maioria dos romances românticos, a protagonista padece depois da não concretização do seu romance (casamento) e/ou a morte do seu amado.

Com a chegada do Naturalismo, a morte e o Luto caracterizavam-se como intrínsecos a vida, o Luto é vivenciado pelos personagens fomentando aspectos naturalistas nas obras, como cientificismo, hereditariedade, darwinismo e o



positivismo. A exemplo disso, temos o caso de Madalena, a protagonista da trama é travessada por esses aspectos.

O presente estudo tem o intuito de apresentar o desencadeamento da histeria, mostrando como o Luto vivenciado pela protagonista influencia essa patologia, indo na contramão dos estudos sobre a temática que apresentam a neurose somente a partir da não realização sexual de Madalena, porém não excluindo que o fator sexual favoreceu esse desencadeamento histórico.

A narrativa é construída em torno e por meio de Madalena, de acordo Jean-Yves Mérian (1988), na sua tese *Aluísio Azevedo, vida e obra (1857-1913)*, a temática do romance é a vida de Madalena. Desse modo, compactuando com esse pensamento do autor, apresenta-se os dados disponíveis na Linguateca⁴, centro de recursos para estudo de língua portuguesa, sobre a obra.

Antes de avançarmos nesse sentido, faz-se necessário mencionar que a utilização de dados quantitativos para análise da obra acontece porque acredita-se que a utilização de dados estatísticos visuais pode dinamizar a informação e criar possibilidades distintas de interpretação do perfil feminino construído na personagem Magdá, e em outros perfis da obra também, além, é claro, da divulgação dessa ferramenta computacional, Linguateca.

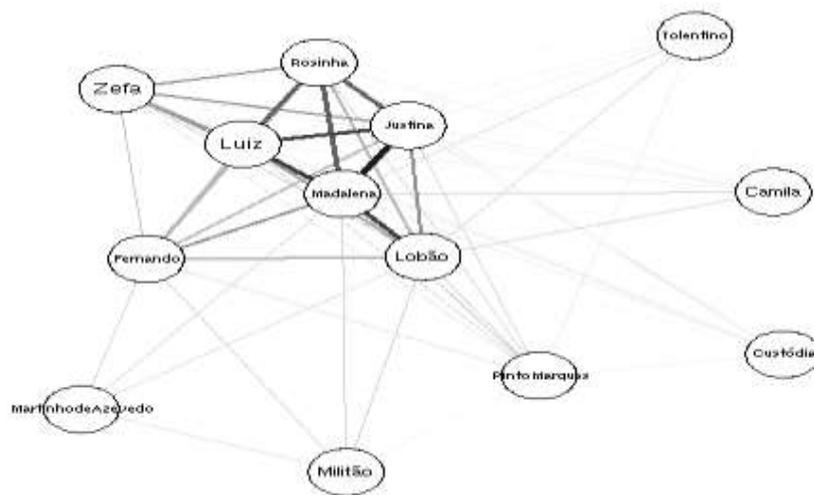
Dessa forma, a rede de personagens⁵ abaixo, ilustra visualmente as relações sociais da obra, sustentando a tese sobre a temática do livro.

Figura 1: Rede de personagens em *O Homem*

4 Link de acesso a rede de personagens do livro *O Homem*, de Aluísio Azevedo no centro de recursos LINGUATECA: <https://www.linguateca.pt/Gramateca/Literateca/Homem.png>

5 Link de acesso da rede de personagens de *O Homem*, de Aluísio Azevedo, no LINGUATECA: <https://www.linguateca.pt/Gramateca/Literateca/galeria.html>





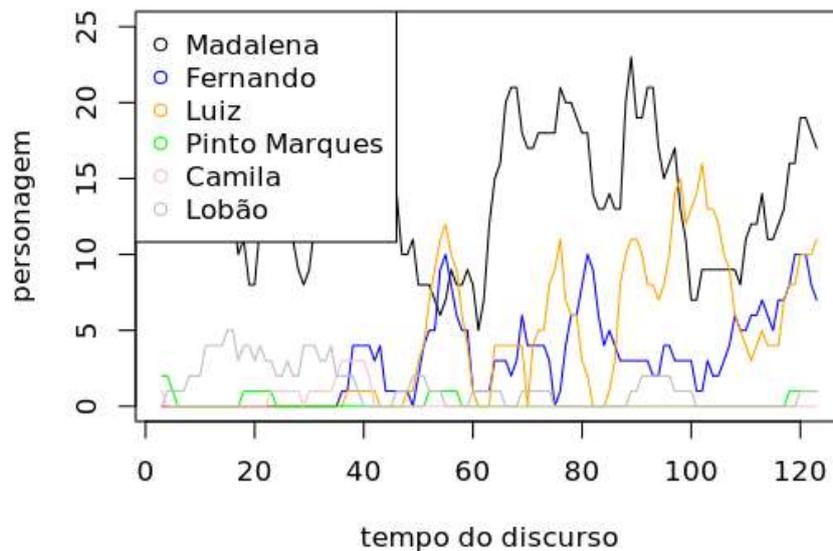
Fonte: Linguateca (2025)

O núcleo do ciclo social da personagem Madalena é formado pelo seu médico – Lobão –, sua criada – Justina – e Luiz. Nota-se que esses elos estão ligados as perdas de consciência de Madalena, de modo que geram um protagonismo ao lobão, Justina e Luiz. Isso ocorre porque a maior parte da narrativa relata as crises que levam Magdá ao mundo paralelo criado por ela no seu subconsciente (onde o doutor Lobão testa suas teorias e influencia os pensamentos da família), o próprio mundo (local que Madalena experiencia o amor e uma vida ao lado de Luiz) e o seu “retorno” de consciência (espaço em que acolhida e cuidada por Justina).

Além da rede de personagens que testificam as relações da narrativa envoltas de Madalena, o gráfico abaixo delinea o seu tempo no campo discursivo. Esse recurso visual é importante para entender o protagonismo de Madalena ativamente, como um perfil montado a partir de suas próprias falas.

Figura 2: Gráfico do tempo de discurso das personagens em *O Homem*

O Homem



Fonte: Linguateca (2025).

Como testificado no gráfico anterior, a narrativa também acontece por meio de Madalena. A princípio, é apresentada como uma jovem comum da burguesia carioca com problemas sentimentais, enfrenta a perda da mãe desde sua infância. Tal fato, pode ser considerado a primeira experiência dela com Luto, reativando, assim, desde o início da narrativa características do comportamento humano que dinamizam aspectos do naturalismo. No fragmento a seguir, retirado do início da narrativa, apresenta a protagonista como uma figura magoada e melancólica:

Madalena, ou simplesmente Magdá, como em família tratavam a filha do Sr. Conselheiro Pinto Marques, estava, **havia duas horas, estendida num divã do salão de seu pai, toda vestida de preto, sozinha, muito aborrecida, a cismar em coisa nenhuma; a cabeça apoiada em um dos braços, cujo cotovelo ficava numa almofada de cetim branco bordada a ouro; e a seus pés, esquecido sobre um tapete de pelos de urso da Sibéria, um livro que ela tentara ler e sem dúvida lhe tinha escapado das mãos insensivelmente** (Azevedo, 1887, p. 1, grifo nosso).

A cena anterior descreve a filha do Conselheiro Pinto Marques em um processo de Luto. Segundo Freud, em *Luto e Melancolia* (1915), o Luto é um processo natural após uma perda, ou melhor, qualquer perda que provoque uma tristeza profunda e um isolamento. A narrativa não é apresentada linearmente, a causa das ações e do estado que Magdá se encontra no início é apresentada no decorrer da narração.

Neste primeiro momento, a jovem encontra-se com vestes pretas, tentando ocupar-se com um hobby, sozinha e alheia ao mundo real. Após uma viagem, cujo objetivo era tirá-la daquela “prostração”, a situação acentuou-se, a jovem estava mais nervosa, impertinente e o seu estado físico passara a padecer:

Magdá voltou no estado em que partiu, se é que não voltou **mais nervosa e impertinente**. O Conselheiro, coitado, desfazia-se em esforços por tirá-la daquela prostração, mas era tudo inútil: de dia para dia, a pobre moça **tornara-se mais melancólica, mais insociável, mais amiga de estar só**. Era preciso fazer milagres para distraí-la um segundo; era preciso de cada vez inventar um novo engodo para obter que ela comesse alguma coisa. **Estava já muito magra, muito pálida, com grandes olheiras cor de saudade; nem parecia a mesma. Mas, ainda assim, era bonita** (Azevedo, 1887, p.1, grifo nosso).

É observável que Magdá já começava a perder a estima pelo mundo exterior, um dos sintomas do Luto. O estado lutuoso é resultante também da descoberta da sua impossibilidade de romance com Fernando, seu irmão. Fernando passou a evitá-la após o conselheiro revelar os motivos que impediam a união dos dois. Em seguida, a jovem descobre a viagem do irmão para Europa, e tem-se, a partir disso, ainda que timidamente, a gênese de suas crises psíquicas:

Magdá **sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo**, um punho de ferro tomar-lhe a boca do estômago e subir-lhe até a garganta, sufocando-a [...] atirou-se à cama. E a bomba estourou, **sacudindo-a toda, convulsivamente, numa descarga de soluços que se tornavam progressivamente mais rápidos e mais fortes**, à semelhança do ansioso arfar de uma locomotiva ao partir. (Azevedo, 1887, p. 19, grifo nosso).

Neste trecho, pode-se perceber que o comportamento natural ocasionado pela perda de algo ou alguém sai da normalidade. Tal estado começa a se agravar após

ela receber a notícia da morte do irmão. Depois que é anunciado na narrativa a morte de Fernando, é observável nas ações de Madalena o processo de Luto, ou seja, um conjunto de reações psíquicas pós-perda. Para abordar esse processo vivido por Magdá, relaciona-se as ações de Magdá após a perda de Fernando com os cinco estágios do luto, defendido por Elisabeth Kübler-Ross (2008): negação, raiva, negociação, depressão e aceitação.

A princípio, ela passa pelo período de negação, evitava falar de Fernando, tentava fugir da realidade, do problema, mas sentia: “saltaram-lhe as lágrimas dos olhos, mas não teve um grito, uma exclamação, um gemido; apenas ficou muito apreensiva, aterrada, com medo do escuro e da solidão” (Azevedo, 1887, p. 34), onde às vezes ela até conseguia controlar as crises, ou até mesmo “às vezes passava muito bem semanas inteiras” (Azevedo, 1887, p. 29). Todavia, concomitantemente, ela passa pelo estágio da raiva se revolta com o mundo e não se conforma por passar por isso, ficando às vezes “aborrecida, triste, sem apetite; apareciam-lhe nevralgias, acompanhadas de grande sobre excitação nervosa” (Azevedo, 1887, p. 29).

Dessa forma, a narrativa tece na personagem um perfil enlutado, uma vez que Freud (1915) assegura que Luto é também uma incapacidade de substituição e escolha de um novo objeto de amor. É importante lembrar que essas fases não são lineares, fazendo com que o Luto oscile entre esses estágios até deparar-se com a Histeria. As emoções de Magdá vão oscilando, já no quarto estágio, negociação, ela aceita as investidas do pai em casá-la.

Estava disposta a casar, que dúvida! Mas também não queria fazer alguma irreparável doídice, que tivesse de amargar em todo o resto da sua vida... Nem se julgava nenhuma criança, para não saber o que lhe convinha e o que não lhe convinha! Enfim, a sua intenção era, como se diz em gíria de boa sociedade: "Casar bem." (Azevedo, 1887, p. 44).

Com o passar dos dias, a situação psíquica se agrava, fazendo Magdá passar noites terríveis tendo Fernando como protagonistas dos seus pesadelos, e, aliás, passar dias negando também a sua existência, sem nem nomeá-lo. Esquivando-se do mundo,

encontramos Magdá no quarto estágio do Luto: Madalena “estava, havia duas horas, estendida num divã do salão de seu pai, toda vestida de preto, sozinha, muito aborrecida, a cismar em coisa nenhuma” (Azevedo, 1987, p. 1).

Ainda sem aceitar a notícia, a irmã e amada de Fernando passa a ter gatilhos, acendendo o transtorno. Ela indispunha-se com qualquer objeto ou qualquer fato repugnante, chegando a ter arrepios de febre ao deparar-se com “sanguessugas, rãs, morcegos, aranhas ou até o movimento vermicular de certos répteis, caso estivesse sozinha à noite e deparasse-se um gato em qualquer parte da casa, tinha um choque elétrico, e demoraria a pegar no sono (Azevedo, 1887, p. 29).

A instabilidade nervosa da filha de Pinto Marques sucede com mais facilidade, frequência e intensidade, após ter em uma madrugada um ataque de cólicas acordando toda a família com seus gritos, observamos: “Magdá sofreu tamanho abalo que, durante dois dias, pareceu louca. Desde essa época principiou a sofrer de dores de cabeça, que lhe produziam no ato do crânio, que ora a impressão de uma pedra de gelo, ora a de um ferro em brasa” (Azevedo, 1887, p. 29).

Após algumas semanas com crises convulsivas severas, a jovem decide retornar à igreja, tentando vencer a tristeza decorrente do Luto, a personagem começa a transferir seus desejos carnis para figuras religiosas. Para Klein, em *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* (1940), o luto é um processo de perda que reativa experiências vividas no início do desenvolvimento psíquico humano, além de expandir-se do real para a simbologia.

Antes de prosseguir com esse desencadeamento, é importante informar que o quinto estágio do Luto, a aceitação, não foi evidenciado nesta narrativa. Acredita-se que Magdá não viveu essa etapa, mas negou-a e/ou reprimiu-a, gerando assim alterações transitórias da consciência.

Inicialmente, segundo Mérian (1988), essa sublimação na obra acontece por meio da prática religiosa. Para Cancelier (1976), a crença de Madalena metamorfoseia-

se em uma paixão por Cristo. Assim, transferindo seu problema para a religião através das súplicas e rezas, ela vai se realizando nesta comunicação. Vejamos:

Magdá voltou mais impressionável, mais vibrante, mais elétrica. De novo, verdadeiramente novo, o que se lhe notava era só uma **exagerada preocupação religiosa**; estava devota como nunca fora, nem mesmo nos seus tempos de pensionista das irmãs de caridade. Mostrava-se muito piedosa, muito humilde e muito submissa aos preceitos da igreja. **Falava de Cristo, pondo na voz infinitas doçuras de amor.** (Azevedo, 1887, p. 45, grifo nosso).

Neste momento, o Luto, comportamento humano pós-perda, começa a transfigurar-se, deixando mais evidente que o estado lutuoso da protagonista era a ponta do iceberg para o surgimento de uma nova Madalena, personagem alegórica das teorias vigentes que caracterizavam as ideias naturalistas. De acordo com Neri (2005, p. 98), esses desejos de Madalena dinamizam uma das ideias do Naturalismo: o homem como animal, sendo moldado pelo ambiente social, etnia e contexto histórico. Além disso, a sexualidade de seus personagens era explicitamente retratada.

As personagens femininas eram apresentadas como detentoras de sexualidade patológica, sendo muitas vezes vistas como diabólica. Neri (2005, p. 98) acredita que o corpo feminino era “subversivo do sujeito em relação à ordem natural, remetendo a um corpo que não se pertence, a uma sexualidade diabólica (furor uterino) e a um êxtase que subjuga a razão”, como o caso de Madalena.

Dessa forma, ela é apresentada por um novo ângulo patológico, deixando de ser uma personagem plana e simples, transformando-se em uma protagonista complexa, levada pelo seu consciente ou inconsciente. “Terminada a crise dos soluços, Magdá sentiu uma estranha energia apoderar-se dela; uma necessidade de reação; andar, correr, fazer muito exercício; mas ao mesmo tempo não se achava com ânimo de largar a cama” (Azevedo, 1887, p. 20).

Concomitantemente a essas crises, a família Marques muda-se para a Barra da Tijuca. Nesta casa, o quarto da jovem fica “defronte de uma grande pedreira em

exploração”. (Azevedo, 1887, p.62), onde trabalha Luís, um jovem trabalhador noivo de Rosinha.

Após um tempo, Magdá apaixona-se pelo trabalhador da pedreira. Então, a partir dessa paixão, vai desviar-se da realidade, criando uma vida na pedreira com Luís por meio de uma psicose alucinatória. Aos poucos Magdá se aniquila, fisicamente cansada, com tanto sofrimento que a sua mente se confunde. A vida dela estava presa em um sonho, e não era um reflexo da sua realidade, deixando raiar uma duplicidade de personalidade, pois, segundo Mérian (1988), era

Em seus sonhos, a nível de seu subconsciente, que Magdá torna-se amante de Luís, o trabalhador da pedreira, transfigurado em herói romântico, ser irreal em quem reencontra os traços de Fernando. A vida real diurna tem menos importância. A vida noturna fantástica, povoada de delírios eróticos no cenário encantador de uma ilha inacessível, torna-se o momento privilegiado de sua existência (Mérian, 1988, p. 543).

Na realidade, Magdá nunca teve a possibilidade de realizar-se como uma mulher, estava sempre sentenciada pelas convenções da época, enquanto nos sonhos saboreia a autonomia negada a ela no mundo real, o que resulta na dissolução da personagem real com a enigmática dos sonhos.

Esse desvio de realidade pode ser explicado por Freud (1915), quando ele afirma que no momento em que o objeto amado não existe mais, toda a libido pode ser retirada de suas ligações com ele, dando desvio de realidade:

Em que consiste, portanto, o trabalho que o luto realiza? Não me parece forçado apresentá-lo da forma que se segue. O teste da realidade revelou que **o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto.** Essa exigência provoca uma oposição compreensível - é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena. **Esta oposição pode ser tão intensa, que dá lugar a um desvio da realidade e a um apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo** (Freud, 1915, p. 5, grifo nosso).

Acredita-se que essa psicose alucinatória apresentada por Freud ocorre em Magdá já na progressão da Histeria, uma vez que além de agravar seus aspectos

físicos, essa psicose alucinatória não permitia o discernimento de Madalena sobre os dois mundos, de modo que “a vida real parecia-lhe agora o sonho, e o sonho afigurava-se-lhe a vida real; os fatos verdadeiros embaralhavam-se-lhe na mente, confundiam-se uns com os outros, fragmentavam-se, difundiam-se, escapavam” (Azevedo, 1887, p. 206).

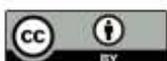
Logo depois de um desses sonhos, em que Magdá vivia no mundo imaginário acreditando que era sua vida real e que sua vida real era um sonho, ela convida o casal, Rosinha e Luiz, para visitá-la. Nesta mesma ocasião, a histérica envenenou o jovem casal.

A caminho do fim da história, Madalena é levada para a casa de detenção. Nesse percurso, a personagem Magdá é transportada para o mundo imaginário: uma ilha, onde viveria para sempre com seu amado Luiz e seu filho Fernando. Ao perceber que Luiz não voltaria mais e que seu filho Fernando não estava por lá, tem um ataque de fúria. Posteriormente, debate-se na camisola de força inutilmente, encerrando a narrativa sozinha, trancada como fera a rosnar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tece-se, então, algumas considerações sobre Magdá, que ao longo da narrativa desloca seus desejos para uma realidade paralela, fruto da sua Histeria. Aniquila-se, fisicamente cansada, emocionalmente confusa. Nunca fora dada a possibilidade de uma realização feminina, sempre sentenciada pelas convenções da época: casamento, religião e patriarcado.

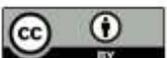
Para Cancilier (1976), Azevedo atravessa Madalena pelas teorias deterministas e pela medicina experimental: a Histeria como fruto das frustrações sexuais femininas. Contudo, além das frustrações sexuais da jovem, acredita-se que a Histeria é impulsionada pelo Luto sentido pela filha do Conselheiro.



Esse comportamento pós-perda é vivenciado pela personagem feminina em várias etapas da sua vida: com a morte da mãe, ainda recém-nascida; a perda de um amor juvenil, após a descoberta parental; a morte de Fernando; a morte de Camila; e a não realização conjugal com Luiz. Madalena sentiu o luto, sendo incapaz de superá-lo com o tempo, que ao longo da narrativa e com as frustrações sexuais da personagem, transformou-se em um caso de histeria.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O homem**. Rio de Janeiro, RJ: Adolfo de Castro e Silva e Companhia, 1887. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=42139>
- BELINTANI, Giovani. Histeria. **Psic**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 56-69, dez. 2003. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000200008&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 11 de maio 2024.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: editora contexto, 2017.
- BREUER, Josef. (1895) **Considerações Teóricas**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- BREUER, Jofef; FREUD, Sigmund. Obras Completas: **Estudos sobre Histeria**. Trad. Paulo César Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.
- BOSI, Alfredo. O Realismo. In: BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CANCELIER, Natalia Lobar. **Aspectos psicológicos da personagem Magdá na obra O Homem de Aluísio Azevedo**. Santa Catarina: UFSC, 1976.
- CANDIDO, Antonio. A personagem **do romance**. In: ___ et al. A personagem de ficção. São Paulo: perspectiva, 2014. p. 51-80.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF-Universidade Federal Fluminense, 1986. Cultrix, 1970. p. 181-217.



FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1915.

KLEIN, Melanie. **O Luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos**. Rio de Janeiro: Imago, 1940.

KÜBLER-ROSS, E. Sobre a Morte e o Morrer. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
Disponível em:
https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/48564/mod_resource/content/1/Texto%20base.pdf Acesso em 22 de abril de 2024.

LIMA, Luíla Silva. **Análise da caracterização das personagens femininas, de Alúcio Azevedo, com o auxílio da ferramenta AC/DC**. Caxias: CESC/UEMA, 2022.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Alúcio Azevedo, vida e obra (1857-1913)**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

